



MOVIMENTO ESTUDANTIL E RELAÇÕES INTER-RELIGIOSAS
STUDENT MOVEMENT AND INTERRELIGIOUS RELATIONS
MOVIMIENTO ESTUDIANTIL Y RELACIONES INTERCONFESIONALES

Resumo: A proposta do artigo consiste em apresentar parte dos resultados de pesquisa, cujos relatos e registros apontaram para as relações inter-religiosas constituídas na participação de jovens estudantes no movimento estudantil. Destacamos que, o encontro entre as diversas expressões religiosas nas ocupações secundaristas ofereceu elementos para uma reconfiguração da religiosidade juvenil, voltada aos direitos humanos e menos dogmática. Com caráter qualitativo, os dados apresentados se originam em uma pesquisa maior que ouviu 80 estudantes em diversos estados federativos, buscando conhecer sua participação em organizações políticas, sociais e religiosas.

Palavras-Chaves: Ocupações secundaristas; Relações Inter-religiosas; Juventude.

Abstract: The purpose of this article is to present part of the results of the research, whose reports and records pointed to the inter-religious relations constituted in the participation of young students in the student movement. We emphasize that the encounter between the several religious expressions in the high school occupations offered elements for a reconfiguration of juvenile religiosity, focused on human rights and less dogmatic. With a qualitative character, the data presented originate in a larger research that heard 80 students in several states, seeking to know their participation in political, social and religious organizations.

Keywords: High School Occupations; Interreligious Relations; Youth.

Resumen: El objetivo de este artículo es presentar parte de los resultados de la investigación, cuyos informes y registros señalaron las relaciones interreligiosas constituidas en la participación de los jóvenes estudiantes en el movimiento estudiantil. Destacamos que el encuentro entre las diversas expresiones religiosas en las ocupaciones de la escuela secundaria ofreció elementos para una reconfiguración de la religiosidad juvenil, centrada en los derechos humanos y menos dogmática. Con carácter cualitativo, los datos presentados se originan en una investigación más amplia que escuchó a 80 estudiantes en varios estados, buscando conocer su participación en organizaciones políticas, sociales y religiosas.

Palabras clave: Ocupación en la escuela secundaria; Relaciones interreligiosas; Juventud.

Sabia que a religião é uma linguagem?
Um jeito de falar sobre o mundo...
Em tudo, a presença da esperança e do sentido...

Religião é a tapeçaria que a esperança constrói com palavras.
E sobre essas redes as pessoas se deitam.
E, deitam-se sobre palavras amarradas umas nas outras.
Como é que as palavras se amarram?
É simples.
Com o desejo.
Só que, às vezes, as redes do amor viram mortalhas de medo.
Redes que podem falar da vida e podem falar da morte.
E tudo se faz com as palavras e o desejo.
Por isso, para entender a religião, é necessário entender o caminho da linguagem.
(ALVES, 1999, p. 5).

Introdução

Esse artigo busca refletir sobre as relações inter-religiosas existente no movimento estudantil, partindo da experiência das ocupações secundaristas no Brasil nos anos de 2015 e 2016. Estudantes de todo país se envolveram no ciclo de protesto que tinha como objetivo anular medidas provisórias dos respectivos governantes.

A pesquisa nacional “*Ocupações Secundaristas no Brasil em 2015-2016: formação e auto-formação dos ocupas como sujeitos políticos*”¹, coordenada pelo Prof. Dr. Luis Antônio Groppo, mostrou que a experiência religiosa dos estudantes se relacionava diretamente com a atuação política destes estudantes. Dos 80 participantes da pesquisa, 45 ingressaram nas ocupações com pertencimento religioso ativo, exercendo funções de liderança e participando assiduamente das atividades oferecidas pelas instituições religiosas. Outros 35 estudantes, se declararam ateus, agnósticos² e/ou sem religião³. Foram contabilizadas 11 expressões religiosas, entre tradicionais históricas, pentecostais e afro-brasileiras.

Assim, o artigo busca traçar novos olhares sobre a influência da participação juvenil no movimento estudantil, valorizando a subjetividade dos estudantes e dando vozes às experiências religiosas que muito se destacaram nas entrevistas realizadas. Portanto, a escolha metodológica da pesquisa é qualitativa, reconhecendo a diversidade religiosa que atravessa um mesmo grupo social – a juventude.

Ocupações secundaristas no Brasil em 2015-2016

Nos anos de 2015 e 2016, jovens de todo Brasil se uniram e ocuparam as escolas como forma de protesto e resistência às propostas de governos estaduais, inicialmente, depois do governo Temer, que se demonstravam regressivas em relação ao direito à educação. No segundo semestre de 2016, destacou-se a luta contra o congelamento de investimentos por um período de vinte anos em políticas públicas, sobretudo na educação e saúde; também, contra a reforma do ensino médio e o projeto escola sem partido. O movimento traz um novo olhar sobre a juventude e sua inserção na militância.

¹ Processo CNPq 428160/2018-2, coordenada por Luís Antonio Groppo, professor da UNIFAL-MG, aprovada pelo CEP/UNIFAL, CAAE: 94809518.1.0000.5142.

² O *Dicionário Histórico de Religiões* (AZEVEDO, 2012, p. 42) define ateísmo como “a negação da existência de Deus”, assim a autoidentificação ateu é a qualidade de quem não possui nenhuma crença religiosa. Definido pelo mesmo autor, o termo agnóstico ou agnosticismo é a impossibilidade humana de se comprovar a existência ou não das divindades. Para o agnóstico, a possível existência da divindade é não poder ser “*aprendida pela razão*” (AZEVEDO, 2012).

³A autoidentificação sem religião é adotada na pesquisa para designar os estudantes que, no momento da entrevista, não se filiavam a nenhuma instituição religiosa, o que não se traduz como sem religiosidade mas sem vínculos formais como será apresentado posteriormente na dissertação (NOVAES, 2004; FERNANDES, 2009; 2018, RODRIGUES, 2012; CAMURÇA, 2017).

Costa e Groppo (2018) sistematizaram as experiências das ocupações em dois momentos. Os autores destacam que é apenas uma forma didática para compreendermos esse ciclo de manifestações juvenis ao longo desse período. A primeira onda aconteceu em nível estadual, no qual os estudantes protestaram, principalmente, contra as reformas educacionais que os governos dos estados de São Paulo, Goiás, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Ceará. As manifestações contra projetos neoliberais para a educação estavam escondidas por trás de um plano de *reorganização escolar* (COSTA; GROPPPO, 2018), como no caso específico do estado de São Paulo. Portanto, o plano de reorganização escolar resultaria no fechamento significativo de escolas no estado de São Paulo.

A precarização do ensino era o projeto político que perpassava todos os estados envolvidos na primeira onda das ocupações. Projetos que tinham como a privatização de fundações públicas ligadas ao ensino, como no estado do Rio Grande do Sul, até a possibilidade de repasse da gestão de escolas públicas a organizações sociais, como no estado de Goiás.

A segunda onda das ocupações acontece em setembro de 2016, tendo como modelo a primeira onda, várias escolas em território nacional começaram a serem ocupadas. A pauta era o projeto nacional, que reformularia o ensino médio por meio da Medida Provisória 746. Diferentemente da primeira onda, as ocupações não ficaram restritas às escolas, mas passaram alcançar, sobretudo, as universidades e institutos federais com o envio da PEC 55 ao Congresso Nacional. Destaca-se que, embora o movimento tenha se espalhado pelo país, o estado do Paraná se apresenta com maior força durante a segunda onda das ocupações, no qual “cerca de 1.000 das instituições de ensino que foram ocupadas estavam nesse Estado do Sul do país, praticamente metade do total.” (GROPPPO, 2018b, p. 105).

Já o estado de São Paulo e outros, como maior força na primeira onda, não obtiveram o mesmo engajamento neste segundo momento. Sobre isso, Costa e Groppo (2018) apontam dois motivos: “em parte por um compreensível desgaste pelo movimento precedente, em parte por causa de táticas intimidadoras usadas pelas forças policiais” (COSTA; GROPPPO, 2018, p. 105).

O caráter formativo esteve presente nas duas ondas do movimento das ocupações, realocando a juventude em um novo espaço social de luta e engajamento político. Toda essa experiência rompe com o senso comum que apontava a juventude como sujeitos incapazes de atuação política autônoma e autoformação política. Groppo (2018a) destaca que a autogestão e as atividades formativas estavam presente nas duas ondas de ocupação, possibilitando um olhar para escola pública para além das dimensões estruturais, gerando um maior interesse e envolvimento dos jovens estudantes com a realidade de sua escola.

A pesquisa nacional

O movimento das ocupações estudantis no Brasil resultou em diversas experiências e possibilidades de análise que vinculam educação, formação política e trajetória de vida dos estudantes. A pesquisa nacional que dá origem a este estudo, teve como principal objetivo compreender os impactos da ação coletiva na formação dos estudantes, sobretudo em sua constituição como sujeitos políticos. Para melhor lançar luz sobre esse processo formativo, a pesquisa nacional traçou como objetivos específicos a importância de conhecer outras instâncias socializadoras dos participantes das ocupações e como elas estiveram presentes nos discursos e práticas dos estudantes. Assim, compreende-se que a participação dos ocupas em organizações políticas, sociais e/ou religiosas podem desempenhar um papel significativo nos estudos e pesquisas sobre as ocupações.

Ainda, os objetivos propostos pela pesquisa nacional possibilitam análises transversais, relacionando outros pontos que se destacaram em seus primeiros resultados.

Portanto, buscamos aqui apresentar o quanto os processos religiosos estiveram presentes nas ocupações secundaristas; sejam na confissão de fé dos estudantes, nas rodas de conversas ou em eventos que informalmente aconteceram no período da ocupação.

A pesquisa nacional entrevistou 80 estudantes que ocuparam suas respectivas escolas durante o período do ensino médio, aplicadas em 10 unidades da federação, envolvendo 12 instituições de ensino superior. Sua metodologia para o levantamento de dados se apoia na representatividade dos sujeitos das ocupações, com a realização de entrevistas de caráter semiestruturado, cujas perguntas versam sobre trajetória pessoal e escolar, narrativas sobre as dinâmicas das ocupações, engajamento político anterior e pós-ocupação.

Assim, a pesquisa nacional, em sua proposta investigativa, ao buscar conhecer também a vivência dos ocupas nos espaços religiosos, dialoga com o que os pesquisadores sobre juventude e religião vem apontando. Novaes (2006) aponta que o engajamento dos jovens nos espaços religiosos pode apontar uma nova forma de fazer política, atribuindo a eles novas percepções.

Das 80 pessoas entrevistadas pela pesquisa nacional, 45 ocupas ingressaram nas ocupações com identificação e pertencimento religioso definido. Outros 35 ocupas se identificavam como sem religião, ateus e agnósticos. Nota-se que a maioria dos estudantes apresentaram elementos religiosos nas entrevistas, ainda que alguns com maior destaque do que os outros. A porcentagem dos ocupas com pertencimento religioso nas ocupações pode aumentar se entendermos que, mesmo entre aqueles que se autoidentificam como sem religião, alguns apresentam algum tipo de espiritualidade, conforme apresentaremos adiante.

A Tabela 1 apresenta, somente, as religiões e denominações evangélicas que foram identificadas nas entrevistas, bem como a frequência que se destacam entre os estudantes. Em alguns casos, os estudantes apenas abordaram, de modo generalizado sua confissão de fé, não sendo possível ser especificado.

Tabela 1 – Religiões e denominações evangélicas às quais os ocupas entrevistados se filiavam no momento da ocupação

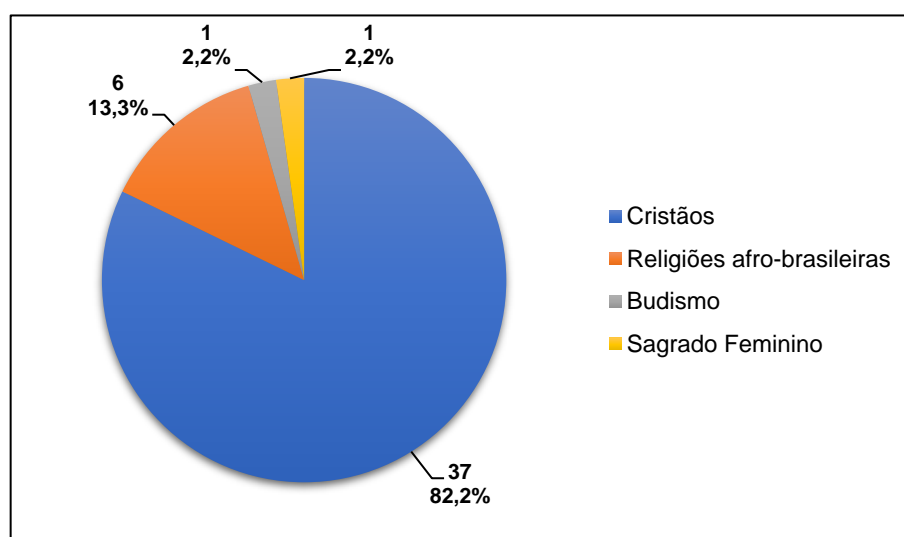
N	Expressão religiosa e/ou denominação	Frequência entre ocupas (n)
1	Igreja Católica	17
2	Igreja Bola de Neve	1
3	Igreja Batista	1
4	Igreja Metodista	1
5	Igreja Apostólica Aliança Bíblica	1
6	Igreja Universal do Reino de Deus	1
7	Candomblé	1
8	Umbanda	4
9	Mariz Africana	1
10	Budismo	1

Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Embora perceba-se a diversidade religiosa presente na ocupação pela Tabela 1, há um número significativo que se identifica com o cristianismo (católico e/ou evangélico). Os demais estudantes não apresentaram identificações religiosas, o que não quer dizer que não o tenha, mas como possibilidade de um perfil desinstitucionalizado.

Do grupo que se identifica como cristão: 17 estudantes apresentam pertencimento religioso católico; 17 estudantes apresentam pertencimento religioso evangélico e 3 estudantes, apenas, se declaram cristãos. Seis estudantes apresentam pertencimento religioso às religiões afro-brasileiras (Candomblé e Umbanda), um estudante apresenta pertencimento religioso ao Budismo e um estudante apresenta pertencimento religioso em um coletivo de bruxas, denominado Sagrado Feminino.

Gráfico 1 – Pertencimento religioso das/dos ocupas entrevistados se filiavam no momento da ocupação



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

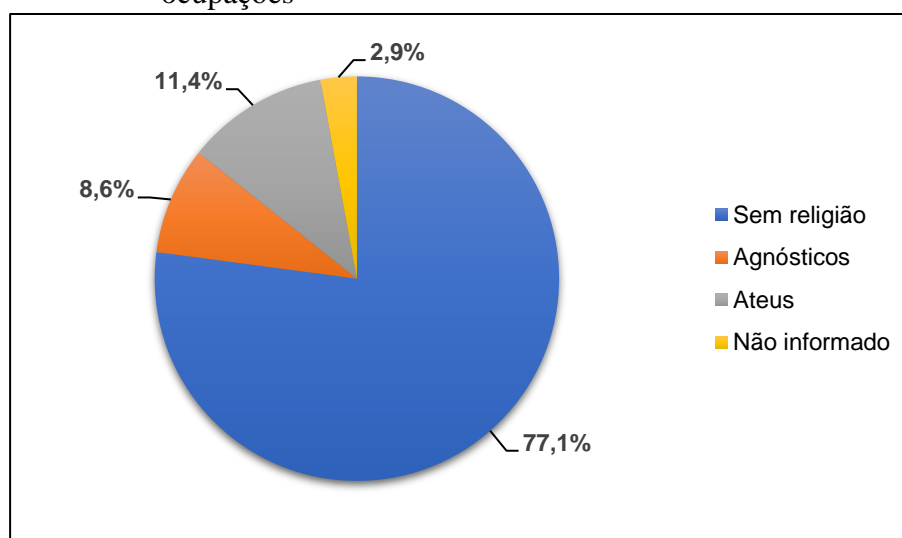
Entre o grupo sem pertencimento religioso ao ingressar nas ocupações, estão: agnósticos, ateus e os “sem religião”, que por sua vez trazem consigo diversos elementos religiosos sem pertencer uma instituição. Para Camurça (2017) existem “várias modalidades de ser sem religião”. O próprio autor cita Rodrigues (2012), que subdivide essas modalidades em 4 grupos:

- 1) os que creem em uma força divina, mas sem pertença religiosa;
- 2) os integrantes de grupos místicos/esotéricos que não se consideram religião;
- 3) os que realizam um trânsito entre as religiões estabelecidas sem se vincular a qualquer delas;
- 4) os consumidores de bens religiosos como produtos terapêuticos. (RODRIGUES, 2012, p.1137 apud CAMURÇA, 2017, p. 63-64).

Assim, as classificações citadas acima descrevem o perfil dos estudantes que ingressaram nas ocupações se autoidentificando sem religião, cuja trajetória de vida

demonstram: (1) múltiplas participações religiosas; (2) famílias multi-religiosas; (3) religiosidade autônoma e pessoal; (4) não possuir uma religião fixa ou rótulos; (5) bricolagem de crenças.

Gráfico 2 – Presença de jovens sem religião, agnósticos e ateus nas ocupações



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Pluralidade religiosa X juventude plural

O conceito de religião aplicado nas análises apresentadas neste artigo tem caráter sociológico, sendo compreendida, principalmente, a partir de Berger (2018), como um fenômeno e empreendimento humano. Na perspectiva do autor, “toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo. A religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento” (BERGER, 2018, p. 17). Consideramos aqui religião como ação, produto humano e, conseqüentemente, um produto da sociedade (BERGER, 2018). Tal compreensão nos possibilita considerar, como religião, toda ação social e coletiva, que os sujeitos desenvolvem a partir de um conjunto de crenças, símbolos, valores e ritos.

Por considerar religião como fenômeno social, consideramos também que o dado religioso é dinâmico, passivo de constantes modificações em sua estrutura e elementos ritualísticos. A religião se recria e por isso se torna plural. Eller (2018) faz uma análise a partir da antropologia da religião, apontando o quanto o fenômeno religioso reage às influências extra-religiosas. Na perspectiva de Eller “a religião sobreviveu às investidas da modernização e secularização, revelando sua capacidade característica e quase infinita de adaptar-se a influências extra-religiosas e absorvê-las” (ELLER, 2018, p. 432). Com isso, o autor destaca que a religião se multiplica, novas experiências religiosas surgem diante da possibilidade de uma religiosidade privada e autônoma.

Fato é que o campo religioso brasileiro se encontra em processos de resignificação (MARIANO, 2013), adquirindo e exportando sentidos e significados, numa perspectiva

interdependente. O ser humano é tanto produto da sociedade como a sociedade é produto do ser humano (BERGER, 2018).

Seguindo este caminho, buscamos definir religiosidade como a vivência e a socialização do ser humano com a religião (FRAAS, 2006). Este artigo enfoca mais a religiosidade – como conjunto de experiências e processos de socialização relacionados à religião – do que a religião – entendida como sistema de crenças e ritos. Também, menos ainda o artigo está preocupado com a religião institucionalizada na forma de igrejas. Entretanto, certamente o que nossos depoentes pensam e vivem a respeito de religião e igreja será considerado, como parte de suas religiosidades e relações inter-religiosas.

Nos últimos anos, os estudos em torno do campo da juventude, afirmaram a necessidade de caracterizar este grupo social, demonstrando que haviam diversos perfis e condições juvenis. A empregabilidade da palavra juventudes no plural vem reforçando esta compreensão, de que existem “diferenças e desigualdades que marcam a experiência social dos jovens, com relação a gênero, cor de pele/etnia, classe social, orientação sexual, escolaridade, local de moradia (...) situação familiar, inserção no mundo do trabalho, diferenças de gostos e estilos, adesão a grupos culturais, político” (RODRIGUES, 2007).

Assim, essa dimensão plural da juventude influi diretamente nas suas escolhas de pertencimento religioso. Para Rodrigues (2007), os jovens também se diferenciam em relação à religião. Ao se tornar adepto a um grupo religioso, fatores relacionados à vida social se tornam marcadores decisivos para o processo de adesão da juventude.

Em um olhar mais generalista, é possível constatar que o campo religioso brasileiro vem passando por diversas reconfigurações, abrindo espaço para o surgimento de novas expressões religiosas, mais difusas e contextualizadas. “Ao mesmo tempo, o fato de diferentes expressões religiosas se tornarem mais conhecidas e públicas possibilita para as pessoas, em especial para a juventude, maior acesso a elas” (RIBEIRO, 2019, p.16).

Por fim, as ocupações se tornaram o palco de encontro das diversas religiosidades. Ao ingressar nas ocupações, cada estudante trouxe em seu modo de olhar o mundo, marcas e valores da religião que professava. Foram encontros espontâneos, despidos de preconceitos, que posteriormente, evidenciaram uma nova compreensão do fenômeno religioso entre os estudantes.

Relações inter-religiosas no interior das ocupações e processos educativos

Relações entre religiões têm sido fruto da pluralidade religiosa e das constantes transformações do campo religioso brasileiro. Se por um lado tais relações se apresentam como fruto dos novos tempos, também fazem emergir novas possibilidades para articulações entre a presença pública e privada da religiosidade, evidenciando sua pluralidade e pontes para o fortalecimento da democracia (RIBEIRO, 2018a). Aqui, vale mencionar a diferença entre as relações religiosas e o diálogo inter-religioso. Barreto Júnior (2019) assim define essa diferença: “as relações inter-religiosas podem ser bem informais, e acontecem tanto no âmbito da vida pessoal como coletiva. O diálogo, por sua vez, é algo mais intencional e estruturado” (BARRETO JÚNIOR, 2019, p. 65).

É essa relação informal que encontramos no interior das ocupações: o encontro de diversos estudantes, com suas respectivas identificações religiosas, no mesmo espaço, com as mesmas pautas de luta. Mesmo sendo um evento irreligioso, as ocupações se tornaram um espaço onde a alteridade se transforma em prática e acolhimento. Sua dimensão educativa possibilita uma aprendizagem consigo mesmo e com o outro (BARRETO JÚNIOR, 2019), com um forte componente dialógico.

Outro destaque é que as ocupações trouxeram foram a visibilidade da pluralidade religiosa da juventude, mesmo entre aqueles que se identificam como *sem religião*. Entre um número muito expressivo de ocupas que ingressam nas ocupações com pertencimento religioso ativo, estavam presentes 11 denominações religiosas, entre as tradicionais e históricas até pentecostais e as religiões afro-brasileiras.

Em uma escola ocupada em Belém-PA, uma roda de conversa possibilitou um debate sobre a diversidade religiosa diante de um histórico de assaltos na instituição. Quando outra estudante, evangélica, sugeriu que fosse feita uma oração antes de dormir, outros ocupas questionaram por que não fazer uma prece, por exemplo, diante de tal diversidade.

Como tinham várias vertentes, isso gerou um debate bem saudável antes da dormida, de porque não fazer uma prece candomblé ou por que não, entendeu? Inclusive a moça que sugeriu o debate era evangélica e falou muito bem sobre a questão de a gente preservar as nossas raízes. Eu, por exemplo, eu sou muito suspeito a falar sobre qualquer religião. Apesar de morar em uma cidade que tem uma vertente muito forte de religiosidade, seja ela católica ou evangélica ou qualquer matriz africana, eu não sigo nenhuma religião, mas eu estou preparado para debater. Fazer um debate sobre a importância, não só estudar quem foi Pedro, quem foi Jesus Cristo na sala de aula, mas estudar todas as matrizes dentro do que diz respeito ao ensino religioso. Então, surgiu um debate e a nossa noite foi essa. (TERRY, entrevista, Belém-PA, 2019.)

É importante, no entanto, destacar Ribeiro (2018b) e sua compreensão de “alteridade ecumênica” (2018b, p. 112) como possibilidade de relacionamento com outras vivências e experiências. Obviamente, pensar em ecumenismo⁴ demandaria um aprofundamento muito mais abrangente, que não é o foco neste momento. No entanto, me aproprio do conceito e sua interpretação para pensar nas relações inter-religiosas existentes nas ocupações. Ribeiro (2018b) ainda destaca que para o campo da Ciência da Religião, o princípio da alteridade é a capacidade de obter uma “melhor compreensão do outro, [e não o ver] “como exótico, como inimigo” (RIBEIRO, 2018b, p. 112).

Se a religião constitui percepções pessoais, certamente isso reverberará nas relações comunitárias, estabelecendo libertação e/ou opressão. Do ponto de vista da educação, podemos dizer que a aprendizagem nas relações inter-religiosas se configura em alteridade, respeito, valorização, diversidade e problematização de estruturas e fatos religiosos que geram racismos e intolerância.

A ocupação serviu, porque nas madrugadas a gente conversava de tudo, então você aprende sobre novas religiões e assim, falar de empatia. Eu não considero que eu tenha religião, mas também não considero que eu não tenha fé. Mas as ocupações influenciaram nesse sentido de assuntos, conversas, pessoas, que você vai conhecendo outras coisas e esse fator de empatia também, de você ver o outro. (NAKAS, entrevista, Poços de Caldas/MG, 2019.)

⁴ Ecumenismo é o termo dado ao processo que visa promover a unidade das mais diversas expressões religiosas, sobretudo as cristãs, valorizando a diversidade e o compromisso mútuo com a sociedade. Entende-se desta forma, que se trata de algo mais elaborado, estruturado e intencional (BARRETO JÚNIOR, 2019; SOUZA, 2021). Na experiência das ocupações secundaristas, o encontro e a unidade da diversidade religiosa aconteceram sem que fosse pré-estabelecidas. Assim sendo, apresentamos o conceito de relações inter-religiosas como uma possibilidade não institucional de encontro e intercâmbios.

Os processos educativos que destacamos nos permitem perceber a religião como fenômeno humano, aberto para a superação da violência, do racismo e da intolerância, que por vezes ganham espaços em discursos autoritários e fundamentalistas, daqueles que mantêm o poder econômico e midiático em suas mãos. Ao olhar para as relações religiosas no interior das ocupações, percebemos entre os ocupas a possibilidade de conhecerem novas religiões, desfazer preconceitos – sobretudo com as religiões afro-brasileiras – e de acreditar nas pessoas que ali estavam, bem como a empregabilidade da espiritualidade como força para a luta política, a empatia e a alteridade.

Não, foi, acho que a ocupação contribuiu. Por quê? Porque a gente tem discussões, a gente sempre tinha roda de conversa e nisso a gente já trocando conhecimentos. Você conserva alguma relação de amizade, profissional ou social com as pessoas. (SUZAN, entrevista, Diadema/SP, 2020).

Pensar na perspectiva de uma juventude plural, como mencionado anteriormente, é o desafio que novamente reforçamos aqui. Abramo e Branco (2005), além de outros pesquisadores, têm defendido o grande mosaico da juventude brasileira, reafirmado nas pesquisas mais recentes que integram juventude e religião, destacado por Novaes (2018). E ainda assim, é notório que há poucos estudos que correlacionam adesão religiosa e escola (PORELLI; ZAN, 2020), principalmente valorizando as relações tidas como exemplos nas ocupações.

[...] tinham pessoas que estavam fazendo um monte de descanso de guarda se não me engano que era um ritual no candomblé que você tem que ficar com a cabeça coberta durante o tempo e isso foi muito aceito na ocupação do colégio. Teve muitas pessoas que fizeram esse descanso e falaram que se tivesse aula elas não iriam, por estar nesse período e por estar na ocupação elas se sentiram à vontade de ir por motivos particulares e isso eu achei bem legal. Teve um cine debate que foi sobre religiosidade e nós vimos: Pô, tinha religião que eu nem sabia que existia o pessoal do colégio que eu convivía. Isso também legal para mim hoje em dia, eu tenho uma percepção de religião muito mais tolerante, não que eu era intolerante, mas eu digo tolerante no sentido de diversidade, hoje eu conheço mais religiões, consigo distinguir mais. (LEONIS, entrevista, Rio de Janeiro/RJ, 2020.)

Novaes (2012), ao refletir sobre o envolvimento da juventude religiosa no espaço público, destaca que “certas apropriações de diversidade religiosa e de direitos humanos produzem efeitos de renovação do fazer político e justificam presenças de jovens religiosamente motivados nos embates que se dão no espaço público” (NOVAES, 2012, p. 204).

Se para Barreto Júnior (2019) as relações inter-religiosas são informais e acontecem em diversos momentos da vida, elas também são uma ponte para o diálogo inter-religioso, de forma mais estruturada. Teixeira (2003) afirma que “o diálogo inter-religioso demonstra a possibilidade de uma nova perspectiva de atuação das religiões ao reconhecer que essas podem exercer um papel significativo na construção de uma ética da superação da violência” (TEIXEIRA, 2003, p. 21). Assim, a experiência vivenciada entre os estudantes, aponta sinais de esperança, justiça e igualdade, na valorização da diversidade e na construção de projetos políticos que dialoguem com as diversas realidades existentes no solo brasileiro.

Reconfigurações religiosas entre os estudantes

A experiência religiosa entre os estudantes que participaram da pesquisa tem-se demonstrado cada vez mais difusa e plural, capaz de ajustar-se às pautas éticas e de direitos humanos. Os resultados da pesquisa confirmaram o que outros pesquisadores vêm demonstrando, não apenas no âmbito da juventude, mas num contexto mais generalizado do campo religioso brasileiro. A perda da regulação institucional e o enfraquecimento das instituições religiosas majoritárias, que até então atuavam como única fonte de referência, especialmente para a juventude.

Dos 45 estudantes que ingressaram nas ocupações com pertencimento religioso ativo, 26 demonstraram interesse em conhecer novas religiões e 19, romperam com o pertencimento religioso que se filiavam ao ingressar nas ocupações. No entanto, os sentidos e motivações para novas escolhas nos apontam para reconfigurações religiosas entre os estudantes. Isto, porque trazem consigo combinações que entrelaçam desejos pessoais, projeto de vida e posições políticas. Assim, uma experiência religiosa mais voltada aos direitos humanos e menos dogmática, parece estar ganhando espaço entre os jovens estudantes.

Outrossim, revela o quanto a participação destes jovens no movimento estudantil implicou profundamente na reorganização de suas religiosidades. Dos que romperam com o pertencimento religioso, 13 estudantes atribuem sua decisão total a ocupação; 06 estudantes, atribuem sua decisão parcialmente a ocupação. Para os que atribuem a desfiliação religiosa parcialmente às ocupações, é possível perceber que o processo de desfiliação religiosa abarca outros motivos subjetivos, sendo o ápice sua participação no movimento estudantil.

A descrença nas instituições religiosas e a sexualidade são dois elementos que se destacam entre os estudantes. Sobre as instituições religiosas, embora reconheçam a importância da religião na vida do ser humano, os estudantes não acreditam que tais instituições sejam a única fonte de espiritualidade e sentido. Parece-nos que tal fato não se restringe mais somente ao grupo que se declaram sem religião. A religião passa integrar um conjunto de referenciais que os jovens elegem para si. Nessa direção, os estudantes com pertencimento religioso cristão (católicos e evangélicos) foram os que mais realizaram novas escolhas pós-ocupação, se autoidentificando como: sem religião, agnósticos, ateus e umbandistas.

O tema de sexualidade aparece entre as tensões no campo das religiões cristãs e a livre escolha de cada estudante, que vinculado ao processo de subjetivação política vivenciado nas ocupações, se depararam com a possibilidade de valorizarem a orientação sexual e a própria fé. Entre os estudantes que se declaram LGBTQIA+, percebe-se maior interesse com as religiões afro-brasileiras, que em relação ao cristianismo, não apresentou perda dos seus participantes.

Em Hervieu-Léger (2015) podemos interpretar as reconfigurações religiosas como demandas pessoais; “assuntos particulares, que dependem da consciência individual e que nenhuma instituição religiosa ou política pode impor a quem quer que seja” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 34). Dito de outra forma, a autora compreende que os valores e crenças por parte do pertencimento religioso institucional não podem isolar o indivíduo de outras esferas da vida social, como por exemplo a participação e engajamento político. O hibridismo entre a esfera pública e privada é uma característica muito evidente entre os secundaristas, até mesmo com possíveis contradições. Ao mesmo tempo em que a instituição religiosa é alvo de críticas, ela também se torna um espaço de acolhimento para os secundaristas. Novamente, uma espécie de relativização e negociações.

Para Berger (2018), a religião é produtora de sentidos, mas não somente ela atribui aos jovens significados e modos de interpretar a vida. O processo de secularização realocou a função da religião na sociedade, que por sua vez oferece aos jovens inúmeras possibilidades.

Na perspectiva de Sofiati, Oliveira e Goos (2019) “os jovens já não aceitam que as igrejas são as únicas produtoras de sentidos sagrados, nem portadoras exclusivas de verdades religiosas” (SOFIATI; OLIVEIRA; GOOS, 2019, p. 137). Ainda, para o mesmo autor, os jovens passam a não se sentir culpados ao questionar instituições religiosas ou até mesmo assumir um estilo de vida que é condenado por ela (SOFIATI; OLIVEIRA; GOOS, 2019).

Outro ponto destacado na pesquisa é a secularização. Hervieu-Léger (2015) destaca que “a secularização, não é, acima de tudo, a perda da religião no mundo moderno. É um conjunto dos processos de reconfiguração das crenças” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 41). Portanto, a diferença é que a crença deixa de ser algo privativo das instituições religiosas e se reconfiguram a partir de experiências, satisfação e a própria verdade.

O dado religioso, do ponto de vista sociológico, é analisado considerando três elementos: secularização, pluralismo e privatização. A era secular trouxe consigo múltiplas possibilidades de compreensão do sagrado, assim como percebe-se também uma perda considerável de regulação institucional sobre a sociedade. Não só a religião oferece elementos estruturantes para a sociedade, mas também ações secularizadas tensionam a dinâmica da religião. Berger (2018) define secularização como o “processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos” (BERGER, 2018, p. 144). Aspectos, estes, que constituem, em grande parte, tensões em relação ao pertencimento religioso de pessoas às religiões institucionalizadas. Ainda, citando Berger, “a secularização também tem um lado subjetivo” (BERGER, 2018, p. 144).

Os secundaristas que romperam com a religião no pós-ocupação demonstram, por meio dos motivos acima, descontentamentos, desejo de mudança e ruptura com hierarquias estabelecidas. Demonstram que o vínculo institucional com a religião não é um fator prioritário. Há entre este grupo uma clara distinção entre crer e pertencer.

Assim, Ribeiro (2019) destaca que as formas da mudança de religião “são herança da autonomização dos indivíduos, que diante do enfraquecimento institucional das religiões, [...] teriam ao seu dispor a possibilidade de comporem e recomporem suas próprias identidades religiosas” (RIBEIRO, 2019, p. 29). A esse fenômeno, utilizamos o conceito de “(re)construção de identidade religiosa” (A (RE)CONSTRUÇÃO..., 2012), no qual os valores hierárquicos e institucionais não dão conta de compreender a busca subjetiva dos jovens por elementos e símbolos que se comuniquem melhor com eles. Estamos diante de uma juventude que não tem fronteiras, que, como afirmado no início, é plural. Tal pluralidade traz consigo múltiplas possibilidades, não só de exercer a fé, mas também em pensar o debate político no espaço público e no modo de olhar os temas ligados à ética e aos direitos humanos (RIBEIRO, 2019).

Considerações Finais

Certos de que o movimento de ocupação das escolas trouxera uma nova perspectiva para o engajamento político da juventude, como força para a transformação social, pressupõe-se que, unido às relações inter-religiosas, cria-se uma ponte para o fortalecimento da democracia, laicidade e liberdade de expressão de todas as crenças. Assim sendo, destacamos alguns olhares para a relação juventude e religião.

Primeiro olhar: uma experiência religiosa menos dogmática. Não é novidade entre os que pesquisam juventude e religião, conforme apresentado no corpo da dissertação, que a juventude tem buscado cada vez mais o exercício da espiritualidade autônoma, com liberdade para novos arranjos e possibilidades. Os resultados desta pesquisa endossam esse quadro, apontando para uma experiência religiosa que considera a pluralidade das juventudes, dando ouvidos aos seus anseios e desejos.

Anseios de uma juventude que não se limita à uma única compreensão do sagrado, mas que carrega consigo flexibilidade e uma disposição para conhecer novas fronteiras. Nas ocupações, os estudantes tiveram oportunidades de dialogar, interagir entre si, questionar as velhas e novas práticas religiosas e, assim, formular suas próprias convicções. Para uns, a oportunidade de perceber o quanto as dimensões do sagrado não se enquadram nas tentativas de cristalizar as experiências; para outros, o sagrado se torna, nada mais, que uma conduta de vida.

Este intercâmbio entre as expressões religiosas está mais visível no grupo que se autoidentificam como sem religião, cuja escolha possibilita transitar entre as religiões sem controle institucional e até mesmo sem criar rótulos. Tal resultado vai ao encontro do que Ribeiro (2019) tem pressuposto, a saber, uma ocultação das experiências que evidenciam múltiplas pertencas. Para este mesmo autor, “quanto mais se valoriza e se explicita o pluralismo mais nitidamente se observarão as múltiplas pertencas religiosas” (RIBEIRO, 2019, p. 13).

Segundo olhar: uma experiência religiosa voltada aos direitos humanos. Ainda que a participação nos espaços religiosos tenha oferecido aos secundaristas elementos estruturantes para sua militância, ela é limitada, no que tange a acompanhar o processo dinâmico de subjetivação política experimentado pelos estudantes. Percebe-se entre os secundaristas que, quanto mais se envolvem politicamente com as demandas sociais, mais conflitos encontram dentro da religião institucionalizada. Para alguns secundaristas, a escolhas religiosas não podem desconsiderar espaços de luta e envolvimento social. Assim, foi possível perceber que as escolhas religiosas realizadas pelos estudantes não estão desassociadas de suas escolhas e posicionamentos políticos.

Terceiro olhar: uma experiência religiosa plural e difusa. Se por um lado as experiências cristãs apresentaram um declínio na adesão dos jovens que participaram das ocupações, as religiões afro-brasileiras parecem ganhar projeção nas escolhas religiosas dos jovens militantes. Mesmo entre aqueles que se auto identificaram como pertencentes a outras religiões, parte importante teve uma experiência religiosa na Umbanda ou no Candomblé, apontando um interesse cultural, identitário e autônomo para sua possível adesão. Para os secundaristas, as religiões afro-brasileiras são menos pragmáticas, capazes de acolher suas demandas pessoais e possuem um vínculo mais estreito com as lutas e movimentos sociais. No entanto, o levantamento bibliográfico demonstrou que pouco se sabe sobre como as juventudes das religiões afro-brasileiras professam sua fé e atuam no espaço público e na escola.

Por fim, em todo o tempo, os processos educativos e socializadores forjam o pressuposto de reconfiguração da experiência religiosa; atuam como processos políticos, gerando uma leitura crítica do mundo, com novas possibilidades que tensionam cada vez mais o reacionarismo religioso, que por sua vez, atua ampliando as desigualdades e reforçando o alinhamento institucional.

No estudo desenvolvido em conjunto com outros pesquisadores, destacamos que “a forma como o espaço escolar e as questões educacionais têm atravessado esta relação parece ser uma peça-chave para esta compreensão, no que se refere a adolescentes e jovens” (PORELLI *et al.*, 2021, p. 82). A dimensão socializadora das ocupações possibilitou um intercâmbio entre as mais diversas espiritualidades que foram vivenciadas no interior do movimento. Como se observa até o momento, as relações demonstradas pelos secundaristas formam uma simetria entre o mundo objetivo da sociedade e o mundo subjetivo do indivíduo (BERGER, 2018, p. 33).

Assim, o resultado aqui encontrado não é diferente da pesquisa realizada por Fátima Tavares e Marcelo Camurça (2004), em que o processo de *recombinação* das crenças religiosas é característico da trajetória estudantil (SOFIATI; OLIVEIRA; GOOS, 2019). Isto porque a experiência de ocupar se dá num processo maior de formação escolar destes jovens, o que por

si só proporciona olhares diferenciados para outras esferas da vida no qual o fator religião não é prioritário (FERNANDES; PITTA, 2006).

Fica o desafio para que novos olhares para a relação juventude, educação e engajamento político ganhem espaços nas pesquisas e nas possíveis interlocuções gestadas pelo avanço significativo da religião no cenário político atual.

Referências Bibliográficas

A (RE)CONSTRUÇÃO da identidade religiosa inclui dupla ou tripla pertença. Entrevistador: Revista IHU on-line. Entrevistada: Sílvia Fernandes. 7 jul. 2012. Disponível em:

<https://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/511249-estamos-falando-de-re-construcao-de-identidade-religiosa-entrevista-especial-com-silvia-fernandes>. Acesso em: 7 ago. 2021.

ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. **Retratos da juventude brasileira**: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ALVES, R. **O suspiro dos oprimidos**. São Paulo: Paulus, 1999.

AZEVEDO, A. C. A. **Dicionário Histórico de Religiões**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

BARRETO JÚNIOR, R. C. Relações inter-religiosas e diálogo inter-religioso na perspectiva do cristianismo mundial. In: TOSTES, A.; RIBEIRO, C. O. (Org.). **Religião, diálogo e múltiplas pertencas**. São Paulo: Annablume, 2019. p. 59–83.

BERGER, P. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. 10. ed. São Paulo: Paulus, 2018.

BINGEMER, M. C. L. A espiritualidade hoje: novo rosto, antigos caminhos. In: TRASFERETTI, J.; LOPES, P. S. (Org.). **Teologia na pós-modernidade**. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 361–404.

CAMURÇA, M. A. Os “sem religião” no Brasil: juventude, periferia, indiferentismo religioso e trânsito entre religiões institucionalizadas. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, v. 31, n. 3, p. 55–70, 2017. DOI: [10.15603/2176-1078/er.v31n3p55-70](https://doi.org/10.15603/2176-1078/er.v31n3p55-70).

COSTA, A. A. F.; GROppo, L. A. (Org.). **O movimento de ocupações estudantis no Brasil**. São Carlos: Pedro e João, 2018.

ELLER, J. D. **Introdução à antropologia da religião**. Petrópolis: Vozes, 2018.

FERNANDES, S. R. A. **Novas formas de crer**. São Paulo: Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS), 2009.

FERNANDES, S. R. A. Trajetórias religiosas de jovens sem religião: algumas implicações para o debate sobre desinstitucionalização. **Interseções: Revista de Estudos**

Interdisciplinares, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 369–387, 2018. DOI: [10.12957/irei.2018.39029](https://doi.org/10.12957/irei.2018.39029).

FERNANDES, S. R. A.; PITTA, M. Mapeando as rotas do trabalho religioso. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 26, p. 121–154, 2006.

FRAAS, H. J. Teorias sobre a religiosidade. In: SCARLATELLI, C.; STRECK, D.; FOLLMANN, I. (Org.). **Religião, cultura e educação**. São Leopoldo: Unisinos, 2006. p. 41–60.

GROPPO, L. A. O novo ciclo de ações coletivas juvenis no Brasil. In: COSTA, A. A. F.; GROppo, L. A. (Org.). **O movimento de ocupações estudantis no Brasil**. São Carlos: Pedro e João, 2018a. p. 293–328.

GROPPO, L. A. **Ocupações secundaristas no Brasil em 2015-2016**: formação e autoformação das/dos ocupas como sujeitos políticos. 2018. 65 f. Projeto de pesquisa (Chamada Universal MCTIC/CNPq 2018) – Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, 2018b. Disponível em: https://cienciassociais.ufes.br/sites/cienciassociais.ufes.br/files/field/anexo/projeto_universal_cnpq_1_final.pdf.

HERVIEU-LÉGER, D. **Peregrino e o convertido**. Tradução: João Batista Kreuch. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MARIANO, R. Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo de 2010. **Debates do NER**, Porto Alegre, v. 14, n. 24, p. 119–137, 2013. DOI: [10.22456/1982-8136.43696](https://doi.org/10.22456/1982-8136.43696).

NOVAES, R. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. Notas preliminares. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 321–330, 2004. DOI: [10.1590/S0103-40142004000300020](https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000300020).

NOVAES, R. Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo. In: ENCONTRO ANUAL DA AMPOCS, 30., 2006, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu: Anpocs, 2006. p. 1–25. Disponível em: <https://anpocs.com/index.php/papers-30-encontro/gt-26/gt17-17/3392-novaes-os-jovens/file>. Acesso em: 23 jun. 2021.

NOVAES, R. Juventude, religião e espaço público: exemplos “bons para pensar” tempos e sinais. **Religião e Sociedade**, v. 32, n. 1, p. 184–208, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/ctrQNc8fpdvZxPLdRjpQsdR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2021.

NOVAES, R. Juventude e religião, sinais do tempo experimentado. **Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 351–368, 2018. DOI: [10.12957/irei.2018.39020](https://doi.org/10.12957/irei.2018.39020).

PORELLI, A. B. G. *et al.* Pertencimento religioso e atuações juvenis nas escolas de ensino médio. In: OLIVEIRA, V. H. N.; CASTILHO, R. (Org.). **Juventudes brasileiras**: questões contemporâneas. Parnaíba: Acadêmica Editorial, 2021. p. 63–86.

PORELLI, A. B. G.; ZAN, D. D. P. E. O que as pesquisas sobre juventude e religião dizem a respeito da escola? In: REUNIÃO DA ANPED SUDESTE, 14., 2020, Rio de Janeiro. **Anais**

- [...]. Rio de Janeiro: ANPEd, 2020. p. 1–4. Disponível em: http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/23/7712-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf. Acesso em: 25 jun. 2021.
- RIBEIRO, C. O. Raízes protestantes da teologia latino-americana da libertação. **Revista Pistis e Praxis**, Curitiba, v. 10, n. 3, p. 682–702, 2018a. DOI: [10.7213/2175-1838.10.003.AO02](https://doi.org/10.7213/2175-1838.10.003.AO02).
- RIBEIRO, C. O. Teologia, pluralismo e alteridade ecumênica. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 48, n. 1, p. 110–121, 2018b. DOI: [10.15448/1980-6736.2018.1.30683](https://doi.org/10.15448/1980-6736.2018.1.30683).
- RIBEIRO, C. O. Dupla e múltipla pertença religiosa no Brasil. In: TOSTES, A.; RIBEIRO, C. O. (Org.). **Religião, diálogo e múltiplas pertencas**. São Paulo: Annablume, 2019. p. 13–34.
- RODRIGUES, D. S. Os sem religião nos censos brasileiros: sinal de uma crise do pertencimento institucional. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 10, n. 28, p. 1130–1153, 2012. DOI: [10.5752/P.2175-5841.2012v10n28p1130-1153](https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2012v10n28p1130-1153).
- RODRIGUES, S. Como a juventude brasileira se relaciona com a religião? 2007. Disponível em: <http://www.observatoriojovem.uff.br/?q=materia/como-juventude-brasileira-se-relaciona-com-religi%C3%A3o>. Acesso em: 5 ago. 2021.
- SOFIATI, F. M.; OLIVEIRA, W. C.; GOOS, M. C. G. Juventude, religião e espetáculo: breves comentários acerca da espetacularização do sagrado. In: CORREIA, V. A. (Org.). **Juventude no mundo contemporâneo: temas em debate**. São Paulo: Loyola, 2019. p. 126–146.
- SOUZA, D. Ecumenismo. In: CUNHA, M.; NOVAES, A. (Org.). **Dicionário brasileiro de comunicação e religiões**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2021. Disponível em: https://books.google.com.br/books?redir_esc=y&hl=pt-BR&id=1KRSEAAAQBAJ&q=ecumenismo#v=onepage&q=ecumenismo&f=false. Acesso em: 25 maio 2022.
- TEIXEIRA, F. O diálogo inter-religioso na perspectiva do terceiro milênio. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 19–38, 2003. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/596/623>. Acesso em: 13 ago. 2021.